

ENTREVISTA COM ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

ENI PUCCINELLI ORLANDI

Universidade Estadual de Campinas
Universidade do Vale do Sapucaí

Notas para a Leitura

Esta entrevista com o prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues - estudioso considerado uma instituição do conhecimento das línguas indígenas na área de linguística no Brasil, e a quem devemos enorme reverência pela maneira como, apesar das condições, favoráveis ou desfavoráveis, construiu e continua construindo um acervo de saber sobre estas línguas que é ímpar – é antes de tudo uma homenagem. Em seguida, devo dizer que faz parte de atividades que desenvolvemos em nosso projeto no CNPQ cujo título é Ciência da Linguagem e Política. Neste projeto, e em primeira instância, está, sem dúvida, o interesse em mostrar como se constitui uma forma de conhecimento na área dos estudos da linguagem, pensando-se através do método da história das ideias linguísticas no Brasil. No presente caso, sobre as Línguas Indígenas. Em segundo lugar, e não menos importante, podemos ver como uma forma de saber se constitui em uma conjuntura política institucional e mais geral. No caso desta entrevista, pode-se acompanhar a história da constituição e instituição deste conhecimento através de um longo período, como é o caso para diferentes formas de conhecimento que fazem nossa história intelectual e acadêmica. A entrevista cobre um período amplo, que se inicia nos finais dos anos 30, entretanto chamo a atenção para o período dos anos 60 do século XX, pois nos anos 60 é que temos a institucionalização dos estudos linguísticos no ensino superior.

Entrevista

ENI – Hoje é sábado, 15 de março de 2003. A entrevista é com o professor Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Aryon, já começamos a conversar um pouquinho; assim, vou repetir as questões. A primeira delas é: Que pessoas você considera que têm importância na sua formação, e para o estudo das línguas indígenas?

ARYON – *Vamos começar pela formação, então. A gente abre o leque depois.*

ENI – Isso. E depois: Que pessoa ou leitura você considera importante na sua escolha de línguas indígenas?

ARYON – *A pessoa que foi realmente influente, que talvez tenha me motivado, de uma certa maneira, e que me apoiou, efetivamente, foi o Rosário Faramé Mansur Guérios, de Curitiba. Quando eu estava repetindo pela segunda vez a primeira série do Ginásio, ele se tornou professor do Colégio Estadual do Paraná. E, na terceira vez que eu fiz a segunda série, ele entrou como professor de Português. O Mansur era uma pessoa que vinha de outra cidade, de Ponta Grossa, no interior. Era professor no*

colégio de lá, e, lá, já se dedicava às línguas indígenas. Se interessava por Guarani e por Kaingang, que são duas línguas do estado do Paraná. Ele já havia publicado alguns artigos sobre isso, inclusive um artigo muito importante que se chamou: “Novos Rumos da Tupinologia”, em que procura mostrar a conveniência, a necessidade e a possibilidade de aplicar, ao estudo das línguas tupi-guaranis, o método histórico comparativo, sobretudo como é apresentado pelo Meillet, Antoine Meillet. Mansur Guérios faz um ensaio de aplicação linguística histórico-comparativa, reconstruindo o Proto Tupi-Guarani, ou algo assim. Ele é pioneiro nisto.

ENI – Então foi ele que...

ARYON – *É, este artigo já tinha sido publicado em 1935 e ele veio a ser meu professor em 39. E eu já estava lidando com isso independentemente, porque a coisa veio em função de alguma leitura, ou da leitura de José de Alencar...*

ENI – É?!... Foi assim?

ARYON – *Ou foi quando me emprestaram uma tradução que o Monteiro Lobato fez do livro do Jean de Léry: História de uma viagem feita à terra do Brasil.*

ENI – Sim!

ARYON – *Um colega do meu irmão tinha a tradução e me emprestou, mas porque eu já andava falando de língua de índio. Eu era garoto de ginásio e isto despertou meu interesse. Tentei aprender Tupi pelo Jean de Léry, na tradução do Monteiro Lobato, tudo escrito estropiado. Estropiado já na edição francesa original. Porque o Paul Gaffarel não conseguiu ler direito certas coisas do manuscrito do de Léry, trocando ‘u’ por ‘n’, e coisas assim. E depois, a versão brasileira se estropiou ainda mais. Mas eu tomei tudo como coisa certa e estava tentando aprender por ali. Isso foi um pouco independente, não identifico nenhuma influência particular.*

Agora, quando passei a ser aluno do Mansur Guérios – ele assumiu a direção do jornal do colégio, e como professor de Português, fazia revisão dos trabalhos dos alunos para serem publicados – ele tratou de estimular os alunos a publicar, informou a turma que podiam escrever artigos para o jornal. Podia ser uma poesia, uns comentários, qualquer coisa, tudo seria bom para o jornal. Tomei isso a sério e escrevi um artigo sobre diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. Eu estava, nesse tempo, fazendo pela terceira vez, a segunda série do ginásio.

ENI – Isso foi em 1940?

ARYON – *Em 1939. Em tudo quanto era espaço de aula, ou quando falhava aula, eu ia à Biblioteca Pública, que era a uma quadra do Ginásio, e andava escarafunchando lá os livros que falavam de índio e de língua indígena. Então, eu já tinha pego vocabulários de Guarani e Tupi, tudo isso.*

ENI – E o seu interesse era pela língua e não só pela cultura?

ARYON – *Não, pela língua.*

ENI – Pela língua, não é? Porque há pessoas que lêem coisas sobre índios e depois se interessam pela cultura indígena, vamos dizer, de um modo antropológico mais geral. No seu caso, não. Havia a questão da língua já colocada; é interessante.

ARYON – *Foi pela língua mesmo, pela língua. Eu escrevi o artigo e o levei para o professor.*

ENI – E teve repercussão na época, nas pessoas?

ARYON – *Não, não teve. Era um jornal de circulação entre os alunos – era impresso, bonitinho e tudo. O Mansur leu o artigo, disse que estava ótimo, “vai ser publicado” e publicou. Foi uma coisa que me impressionou já na época porque eu esperava que ele fizesse uma série de correções de português. Ele não corrigiu nada. Talvez, não houvesse nada para corrigir mesmo. Para mim, foi muito estimulante, ele valorizou o artigo como estava. Então, saiu este artiguinho de duas colunas no jornalzinho do colégio, as pessoas se admiraram e ficou nisso. No ano seguinte, eu estava na terceira série, o Guérios continuou sendo nosso professor de Português e ia ser publicado um novo número do jornal. Ele, novamente, animou a turma e eu me animei também. Isso em 1940. No mês de julho, que era o mês do meu aniversário, pedi ao meu pai que me desse de presente, nenhuma outra coisa, mas um livro que eu tinha visto na livraria, O Selvagem, de Couto de Magalhães, que tem o curso de língua Tupi viva, o Nheengatu. Aí, eu escrevi outro artigo. Eu devorei aquele livro, devorei os textos de lendas tentando entender o Nheengatu, a Língua Geral Amazônica. Era 1940 e eu escrevi um artigo sobre a influência portuguesa na sintaxe do Nheengatu.*

ENI – Olha só! Isso é uma coisa que eu acho muito importante; porque se fala da influência (mesmo que limitada) da língua indígena no português, mas não se fala do outro lado, não é? Como é que você teve este insight?

ARYON – *Eu vi que, em vários textos ali, o narrador estava usando a conjunção ‘se’ em vez do sufixo ou da partícula que, em outros textos da língua, tem o valor ‘se’ de oração subordinada.*

ENI – Aí está uma coisa que eu acho impressionante em você e em várias pessoas que trabalham com línguas indígenas, mas em você, sobretudo. É essa habilidade para a língua indígena mesmo, ou seja, de perceber que havia isso. É um conhecimento da língua nossa, mas também, ao mesmo tempo, da língua indígena. Você não teve professor de língua indígena até aquele momento e seu contato com a língua indígena já era um contato em que você percebia a forma da língua.

ARYON – *Já percebia, já analisava... Isso como um ginasiano.*

ENI – *É! Eu, por exemplo, fiquei muito impressionada na primeira vez que fui para a pesquisa de campo, que foi com os Xerente. Fiquei abobalhada porque, diante da língua indígena, não me era fácil perceber logo a estrutura, a ordem. Fico admirada com os pesquisadores que entram numa língua indígena com esta habilidade, conseguem perceber logo e fazer relações. E não é só uma questão de método.*

ARYON – *É, mas é iniciativa também. O Mansur Guérios passou a me alimentar com livros. Isso foi notável da parte dele, porque é difícil um professor fazer isso. Eu era garoto ainda, um garotão de Colégio e ele passou a dar livros para eu ler, tanto livros mais teóricos como livros sobre língua. Ele me emprestou a Gramática da Língua Kiriri, que não é Tupi-Guarani, é uma outra língua, do Rio São Francisco. Eu li tudo.*

ENI – Mas, acho que ele percebeu esse seu talento de análise, não?

ARYON – *É, justamente. Ele percebeu e foi apoiando. Até esse momento foi apoio dele, ninguém tinha dado um contra ainda. Depois tive uns contras, ponderações, conselhos e tal. Mas era muito cedo para fazer isso e ele nunca fez isso. Produzi um*

outro artigo, que foi publicado quando eu estava na quarta série, mas não no jornal do Ginásio. Apresentei a ele “O Artigo Definido e os Numerais na Língua Kiriri” e “Vocabulários Português-Kiriri/Kiriri-Português”. Extraí todo o vocabulário da gramática e o organizei alfabeticamente nas duas versões. Ele gostou e disse: “Vamos publicar isso no Museu Paranaense”. Ele era assessor linguístico do Museu Paranaense.

ENI – Ah, sim.

ARYON – *Então foi publicado nos Arquivos do Museu Paranaense. Foi minha primeira publicação já numa revista científica.*

ENI – Interessante!

ARYON – *Isso em 42.*

ENI – É interessante o que você mostra aí quando fala disso, dos instrumentos científicos da época, através de um jornalzinho de iniciativa mais caseira, da própria escola, mas depois, com este outro instrumento, já...mais institucional.

ARYON – *E o intermediário foi o Mansur Guérios, evidentemente, ao publicar.*

ENI – Pois é, tem que ter a pessoa, mas é interessante, também, observar como esses instrumentos são importantes, tanto para produzir como para a divulgação da questão.

ARYON – *Certo.*

ENI – E eu digo divulgação científica aí.

ARYON – *É. E dando continuidade...*

ENI – Quem lia isso? Você diz que é uma revista do Museu.

ARYON – *Dos arquivos do Museu Paranaense. A maior parte dos leitores eram...*

ENI – Antropólogos.

ARYON – *Não. A maior parte eram zoólogos, botânicos, e tal, porque as seções predominantes eram de Zoologia, de Botânica, de Geologia. Havia uma de Etnografia também, mas a coisa ainda ficava um pouco restrita. Então não circulou muito.*

ENI – Certo.

ARYON – *Agora, só para acabar isso, nessa veia inicial, já que entramos por aí. Eu resolvi ampliar aquele primeiro artigo do jornal do Ginásio “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani”. Já havia lido muito mais coisas sobre outras línguas da família Tupi-Guarani. Fiz um estudo mais extenso incluindo outras observações, muito mais exemplos, mais dados, tudo. O Mansur Guérios também fez publicar nos arquivos do Museu Paranaense. Foi em 45 que saiu lá.*

ENI – Nesse momento, em São Paulo, estava sendo produzida alguma coisa em termos dessas descrições? Ou como é que estava?

ARYON – Não, de descrições não. Em São Paulo foi noutro sentido. Há aquela cadeira do Plínio Ayrosa de *Etnografia e Língua Tupi-Guarani*, mas a gente volta a isso depois.

ENI – Você vai falar depois.

ARYON – É. Só uma coisinha que eu quero falar ainda. Antes deste segundo artigo sair publicado em 45 no Museu Paranaense, Mansur Guérios tinha mandado uma cópia daquele anterior para o Serafim da Silva Neto, dizendo: “é um aluno tal escrevendo sobre certas coisas...”. O Serafim estava sempre curioso de saber alguma coisa sobre...

ENI – Serafim da Silva Neto?

ARYON – Serafim da Silva Neto. Eu não o conhecia. Ele estava aqui no Rio de Janeiro e eu morava em Curitiba. Mas o Mansur sempre se correspondia com ele e o Serafim disse que gostaria de publicar o trabalho. Então, antes mesmo de publicar a segunda versão desse artigo sobre descrições fonéticas no Museu, o Mansur mandou uma cópia para o Serafim, que o publicou na Revista Filológica, daqui do Rio de Janeiro.

ENI – Esse artigo é aquele primeiro, mas já ampliado?

ARYON – É uma versão bem ampliada daquele primeiro. Saiu primeiro na Revista Filológica em 44, cujo diretor era Ruy de Almeida, um filólogo aqui, já falecido. Mas quem encaminhou e estimulou a publicação, o intermediário aqui no Rio, foi o Serafim. O artigo saiu na Revista Filológica, onde os filólogos aqui publicavam.

ENI – Mais apropriado, não é?

ARYON – Mais apropriado para ser lido e conhecido. E logo em seguida, saiu nos Arquivos do Museu Paranaense. Foi assim que começou essa produção. Mas o apoio, o grande apoio, decisivo, foi o do Mansur Guérios.

ENI – Sem dúvida. E a sua persistência também, pelo seu interesse.

ARYON – E eu vim a conhecer Mattoso Câmara por escrito também pelas mãos do Mansur Guérios.

ENI – Ah, Foi?

ARYON – Em 1942, eu acho. Ele me deu de presente de natal um exemplar da primeira edição dos *Princípios de Linguística Geral*.

ENI – Belo presente!

ARYON – Belo presente! Foi o que eu falei também!

ENI – Ele acertava muito nessa orientação que ia dando. Instrumentando você, para sua reflexão, na direção que ele percebeu que você estava indo. É fabuloso isso. E foi muito cedo que você começou.

ARYON – Justamente. Foi muito cedo, na idade escolar. Depois fui para a faculdade e fui aluno dele na Faculdade de Letras.

ENI – Quando você entrou na faculdade, encontrou possibilidade de desenvolver isso mais amplamente, ou mesmo que tivesse possibilidade, isso era restrito ainda? Como as universidades acolhiam esse tipo de estudo?

ARYON – *Não. A universidade não tomava conhecimento. O Mansur Guérios era o único apoio explícito que eu tinha ali.*

ENI – Como era quando ele dava cursos?

ARYON – *Ele dava cursos de Língua Portuguesa e de Filologia Românica.*

ENI – E como ele introduzia as questões indígenas? Ou não introduzia? Era só pessoal?

ARYON – *Era só pessoal.*

ENI – É isso que eu queria saber.

ARYON – *Agora, por outro lado, antes de eu entrar na faculdade, ele me convidou para darmos um curso extra na faculdade. Hoje diríamos ‘curso de extensão’ só que, naquele tempo, isso não era formalizado. Apenas se anunciava e quem queria ia assistir. Era um curso sobre...*

ENI – Línguas Indígenas?

ARYON – *Sobre o Nheengatu, a Língua Geral.*

ENI – A Língua Geral.

ARYON – *Dei um curso de Língua Geral.*

ENI – No começo foi com Língua Geral e...

ARYON – *É, e eu sabia mais do que ele, que tinha só uma idéia das coisas. Eu, se houvesse ocasião, falava Língua Geral já naquele tempo, de tanto que havia absorvido do curso do Couto de Magalhães, que é um...*

ENI – Mais um Policarpo Quaresma na nossa história.

ARYON – *E é um trabalho excelente, não é? Pois é. Então, eu dei o curso de Língua Geral por duas vezes na Faculdade.*

ENI – Teve gente interessada?

ARYON – *Alunos de Geografia e História, que faziam Antropologia também, e outros de Letras.*

ENI – E você lembra dos tipos de questões? Se foram interessantes?

ARYON – *O pessoal ficava querendo ver. Montei um curso e dava exercícios práticos para o pessoal pegar.*

ENI – Interessante! Aryon, nessa época, em que você já se interessa pelas línguas indígenas, havia esse interesse geral no Brasil? Você havia falado que tem, não é?

ARYON – *Sim, interesse avulso. Havia o Mansur Guérios, que se interessava, acho que já nos anos 20. Ele era mocinho também e era estudante de Direito. Naquele tempo se estudava ou Direito, ou Engenharia, ou Medicina.*

ENI – Ele morreu cedo?

ARYON – *Não!*

ENI – Não?

ARYON – *Não, ele morreu no fim da década de 80, quando houve a reunião da Abralin, em que o Faraco era Presidente.*

ENI – Ah, Foi?

ARYON – *A reunião foi lá em Curitiba. Nós o homenageamos e ele estava vivo ainda.*

ENI – Ele estava vivo quando foi feita a homenagem.

ARYON – *Estava. Eu fiz a fala em homenagem, que está publicada no Boletim da Abralin, inclusive. O Salum foi convidado para fazer uma homenagem também, naquela noite mesmo.*

ENI – Não me lembrava disso.

ARYON – *Mas, pouco tempo depois ele faleceu.*

ENI – Sim. Enfim, nessa época então, era avulso.

ARYON – *É, nessa época havia, por exemplo, o Oiticica, que foi uma coisa passageira. Ele escreveu uma comunicação para o Congresso Internacional dos Americanistas em Hamburgo. Ele estava lá na Alemanha, onde foi leitor e discípulo até. A comunicação chama-se: “Do Método no estudo das línguas indígenas americanas”. Por outro lado, havia em Fortaleza, no Ceará, um intelectual que também se interessava por línguas indígenas. Ele se interessava mais por Kariri. Como é o nome dele? Tomás Pompeu Sobrinho.*

ENI – Kariri? Eu analisei o relato do Martin de Nantes, onde se fala muito dos Kariri.

ARYON – *Kariri, é. Ele publicou um artigo sobre isso e depois um estudo sobre o sistema de parentesco dos Kariri. Na Bahia, há o Frederico Edelweiss, um gaúcho que se estabeleceu na Bahia com o cultivo de fumo. Ele enriqueceu lá. Era um bibliófilo e usava aquele dinheiro para viajar na Europa e comprar raridades de brasileira. Ele construiu uma excelente biblioteca de brasileira.*

ENI – O Edelweiss fez traduções?

ARYON – *Não. Traduções, não. Ele publicou artigos sobre Tupi, principalmente. Tupi e Guarani.*

ENI – Eu pensei que ele também tivesse traduções.

ARYON – *Só se for algum outro Edelweiss. Ele também já faleceu, mas antes de falecer, doou a biblioteca para a Universidade Federal da Bahia, com a condição de continuar trabalhando nela até sua morte. Isso foi respeitado. Mandaram bibliotecárias para organizar a biblioteca na casa dele, mas nada saiu de lá antes de sua morte.*

ENI – É, interessante.

ARYON – *Foi um acerto bom que ele fez.*

ENI – É! E o Edelweiss trabalhava com que línguas?

ARYON – *Com Tupi-Guarani.*

ENI – Tupi-Guarani.

ARYON – *Com Tupi e Guarani, os clássicos, as duas línguas clássicas.*

ENI – É isso que eu também queria saber: quais eram as línguas, que você conhece, que eram mais estudadas no começo.

ARYON – *Era Tupi e Guarani, nem eram as línguas Tupi e Guarani, era Tupi e Guarani. E havia, também, o Ayrosa em São Paulo.*

ENI – Isso eu também queria saber.

ARYON – *E seus primeiros assistentes, que foram o Carlos Drumond, o Erasmo Magalhães, que está aí hoje, e o Philipson, que, por ser o único que se tornou linguista, foi posto para fora do grupo.*

ENI – É. O Philipson teve uma vida bem difícil na USP.

ARYON – *Aliás, estou sem notícias dele. Não sei como está o Philipson, se está vivo ou não.*

ENI – É, eu também não. Eu o encontrava sempre nos Congressos. Deixei de encontrá-lo.

ARYON – *Ele parou de circular, não é?*

ENI – Eu tinha uma relação muito afável com o Philipson, porque, inclusive, ele saiu de lá e foi para a Linguística.

ARYON – *Foi.*

ENI – Na Linguística, ele dava Socio. Quando ele saiu, o Cidmar queria extinguir essa cadeira. Se eu desse Sociolinguística, a cadeira continuaria a existir. Assim, comecei a ler Labov e vários autores que não conhecia como especialista, para manter esse curso funcionando. E o Philipson foi para a Psicologia, que não tinha nada a ver.

ARYON – *Foi a Psicologia que o acolheu. Ele foi dar Psicolinguística.*

ENI – É. Mas era para o curso poder existir institucionalmente.

ARYON – *É, realmente, ele sofreu muito.*

ENI – É. Enfim, voltando ao nosso assunto Aryon, não sei se você tem mais alguma coisa pra dizer...

ARYON – *Não, porque é uma forma de responder como isto começou. É difícil dizer de onde é que veio. O apoio que eu tive foi, claro, sem dúvida, o do Mansur Guérios. Agora, como é que eu entrei nisso...*

ENI – Conjunturalmente, não tinha muita coisa que existisse para estimular você.

ARYON – *Não, não existia não. Em Curitiba não sabíamos nada do que se passava no Brasil. Depois que comecei a produzir é que comecei a saber do que todos faziam.*

ENI – Então, é isso também que eu gostaria de saber. Como no Brasil não havia condições tão favoráveis, embora houvesse instrumentos intelectuais. É isso que estou percebendo. Você já começou a falar de uma coisa que acho importante. Talvez você possa já passar para ela. É a relação das línguas indígenas com a linguística no Brasil,

com os estudos de linguagem no Brasil. Você já falou do Serafim da Silva Neto e do apoio que ele deu a você, na medida em que publicou seu artigo aqui no Rio, na revista. Talvez a gente possa passar para isso. É bom que as pessoas também conheçam quais os instrumentos de que você dispôs na época. Há esta revista de que você falou, do Museu, e depois a revista daqui.

ARYON – *A Filológica.*

ENI – A Filológica, que é mais institucionalizada. Como a *Revista Filológica* era publicada?

ARYON – *Era publicada por uma das editoras daqui. Era uma revista que se vendia na livraria.*

ENI – Sim. E quais eram as pessoas que faziam com que ela funcionasse?

ARYON – *Eram o Serafim da Silva Neto, o Ruy de Almeida, que eu nunca conheci pessoalmente, o Mattoso Câmara Junior, o Celso Cunha...*

ENI – Daqui do Rio?

ARYON – *Daqui do Rio de Janeiro.*

ENI – E não havia gente de outros lugares?

ARYON – *Na colaboração, às vezes sim. O padre Magne, que era, daqui também, da Católica, colaborava muito nessa revista.*

ENI – E no exterior? Nessa época, você já tinha relações com o exterior ou você começou isso mais tarde?

ARYON – *Eu comecei a escrever para fora, escrever correspondência, já nos anos 40. Soube que tinha saído o Handbook of South American Indians, publicado em Washington pela Smithsonian Institution. Acho que tomei conhecimento disso pelo Museu. Então, não tive dúvidas: escrevi uma carta para lá dizendo que eu trabalhava e estudava línguas indígenas aqui na América do Sul e que estava interessado em receber o Handbook. Me mandaram o primeiro volume que estava publicado – foi publicado em 46. Na medida em que saíam outros volumes eles foram me dando. São sete ao todo, e é um negócio formidável, uma obra monumental. Mas isso não foi uma relação com os linguistas. A primeira vez que eu tive contato com os linguistas de fora foi quando compareci ao Congresso Internacional de Americanistas, em São Paulo, no ano do quarto centenário, em 1954.*

ENI – É esse mesmo que continua a existir até hoje? Esse Congresso Internacional de Americanistas?

ARYON – *Esse mesmo. Em São Paulo foi o trigésimo Congresso. É um congresso que começou no finzinho do século XIX e se mantém vivo até hoje. Notável.*

ENI – E havia uma presença razoável de linguistas nesse Congresso, ou não?

ARYON – *Não, havia bem menos linguistas. Geralmente eram uma minoria, porque o grosso eram historiadores e antropólogos. Mas quando fui ao Congresso, eu já tinha estabelecido uma relação com os antropólogos daqui de São Paulo, principalmente, com o Herbert Baldus, diretor do Museu Paulista. Ele era um antropólogo alemão que se radicou no Brasil nos anos 30. Era judeu alemão. Quando*

seu livro foi queimado em Berlim, em 1933, viu que era um sinal para deixar a Alemanha.

ENI – É, sem dúvida.

ARYON – *Então ele veio para o Brasil. O Baldus já trabalhava com índios no Chaco.*

ENI – Ah! Isso eu também queria saber, depois a gente pode ver isso mais devagar. Quando eu perguntei a você quais eram as línguas mais estudadas em termos de um trabalho mais sistemático, você respondeu Tupi e Guarani. Eu queria saber, então, quais eram os grupos indígenas com que as pessoas trabalhavam.

ARYON – *Então, justamente, havia exceções. Uma exceção era o Pompeu Sobrinho, que se interessava por Kariri. Ele é do Ceará, da terra que tem a “Serra dos Kariris”. O Pompeu Sobrinho se preocupava com o fator histórico do Ceará. Procurando saber o que havia a respeito, deu com a gramática de uma das línguas da família, que é o Kiriri da Bahia. Ele enfronhou-se nisso e nos catecismos – com que eu trabalhei também; mais ou menos logo, em 42, publiquei meu trabalho sobre a língua Kiriri. A outra exceção era o Mansur Guérios, que além do Guarani, se interessava pelo Kaingang.*

ENI – É isso que eu estava pensando: em relação à região Sul.

ARYON – *Que é uma língua da família Jê. Não é Tupi Guarani. Ele fez um trabalho de campo em Palma, no Sudoeste do Paraná, com um dos dialetos do Kaingang e publicou, nos Arquivos do Museu Paranaense, um estudo sobre a língua Kaingang.*

ENI – Quando foi isso?

ARYON – *A publicação dele é de 41, um ano antes do meu estudo do Kiriri, que é de 42.*

ENI – É isso, o seu estudo do Kiriri é de 42. E você não tinha se interessado ainda pelo Kaingang?

ARYON – *Não, porque em Curitiba não tinha Kaingang. Eu era menino em Curitiba, fiquei conhecendo sobre a língua através do Mansur Guérios e aí me interessei. Conclui a faculdade, em 1950. De 47 a 49, cursei Letras Clássicas, e em 50 a famosa Didática.*

ENI – Você fez Letras Clássicas?

ARYON – *Fiz Letras Clássicas.*

ENI – E Tupi, faz parte, não?

ARYON – *Não. A Faculdade não ensinava isto.*

ENI – Não, mas faz parte das Letras Clássicas.

ARYON – *Não.*

ENI – Hoje, o Fiorin me contou que na USP, houve uma proposta, em um certo momento, de se pensar as Letras Clássicas pensando Língua Indígena também. Então eu lembrei ao Fiorin – ele não sabia disso – que a Língua Indígena faz parte das Letras Clássicas no México.

ARYON – *Na ordem do clássico, como aqui, também, o Tupi Clássico. Aqui no Brasil não se fala quase em Tupi Clássico. Mas na Holanda, quando dei o curso sobre estrutura Tupinambá, o colega de lá quis que fosse anunciado como Klassische Tupi.*

ENI – Que interessante!

ARYON – *É. Este professor, o Willem Adelaar, dava aula de Quechua, Maia Yucateco e Guarani Paraguaio. E eu dei um semestre de Tupi Clássico para o pessoal.*

ENI – [toque de telefone] Aryon, na programação, agora é hora de lançamento de livro. Podemos continuar? Não tem importância para você?

ARYON – *O que eu gostaria de ganhar aqui é o número da nova revista da Abralín.*

ENI – Está certo. Ah! Mas isso terá.

ARYON – *Porque eu não acredito na promessa do Eduardo de mandar. Ele prometeu me mandar aquela revista que vocês fundaram.*

ENI – *A Línguas e Instrumentos Linguísticos?*

ARYON – É.

ENI – E não mandou?

ARYON – *Os números que eu não tinha, não.*

ENI – Quais são?

ARYON – *Eu só tenho aquele primeiro.*

ENI – Só o primeiro. Eu mando os outros.

ARYON – *Ele se esqueceu, mas se eu puder pegar aqui...*

ENI – Está certo. Deixa só eu lembrar então, que estou com a segunda pergunta aqui para fazer, mas, ao mesmo tempo, queria ouvir o que você estava falando. Depois que você sai da faculdade...

ARYON – *Ah! Sim. Quando saí da faculdade, que foi em 1950, junto com um colega que tinha feito Geografia e História, e estudado Antropologia, resolvemos por o pé na estrada e ir aos índios.*

ENI – É, a aventura das línguas indígenas, a pesquisa de campo.

ARYON – *Fomos aos Kaingang do Sudoeste do Paraná. Pensei em ir ao mesmo grupo que o Mansur Guérios tinha visitado, mas as condições de transporte naquele tempo não eram boas: estradas de terra, época de chuvas, começo de ano – eu tinha que aproveitar as férias de começo de ano. Nós empurramos ônibus e tudo. Depois, vimos que o caminho para Palmas estava intransitável e, então, pegamos carona num caminhão que ia para Mangueirinha, em outra área indígena Kaingang. Fomos para lá e passei algum tempo documentando o Kaingang.*

ENI – E o acesso era difícil?

ARYON – *O acesso?*

ENI – Como hoje, com a Funai, que tem que permitir, essas coisas.

ARYON – *Não! Tinha o SPI, mas não havia um controle. Antes da viagem estive na Delegacia do SPI de Curitiba copiando dados dos relatórios deles sobre os Kaingang, para ficar informado sobre a população e outros dados. Essa foi minha experiência, sem treinamento nenhum. Peguei muitos dados. Recentemente, publiquei um resultado daquele tempo, não sei se por mérito, ou por razões que posso falar num outro momento. E aí me convenci de que precisava estudar fonética, e para isso, tinha que sair do Brasil.*

ENI – O ensino que você teve na Universidade de Letras Clássicas não tinha estudos linguísticos do tipo Fonética, nada disso?

ARYON – *Não, não tinha.*

ENI – Era geral mesmo.

ARYON – *É. Olha, saiu publicado agora, mas é daquele tempo.*

ENI – Olha só!

ARYON – *Pode ficar.*

ENI – Posso ficar?

ARYON – Claro!

ENI – Vou ler.

ARYON – *E então, meu primeiro trabalho de campo foi com Kaingang, não foi com língua Tupi Guarani.*

ENI – *É, porque foi em Nheengatu, de que você falou.*

ARYON – *Não, não.*

ENI – Não.

ARYON – *Não, Nheengatu eu aprendi em livro.*

ENI – Isso. Mas de campo, foi primeiro com Kaingang.

ARYON – *Foi primeiro com Kaingang.*

ENI – E o Kiriri foi através de livros.

ARYON – *Foi através de livros também. Já não se fala mais a língua.*

ENI – Já não se falava?

ARYON – *Não, já não se falava mais. Se falava até o século XVII, só.*

ENI – Só até o século XVII?

ARYON – *É.*

ENI – E na Bahia, não tem um grupo?

ARYON – *Tem ainda, mas falam somente português. Não tem mais falante.*

ENI – Não ficou mais tempo?

ARYON – *Não. Alguns dialetos ficaram até o começo do século XIX, que ainda foram pegadas listas de palavras, no interior da Bahia, de dois dialetos de Kiriri, ainda em 1800, 1819. Depois nada mais.*

ENI – Está bem. Vamos passar para a segunda questão? Para daqui a pouco poder liberar você. Como é que, neste processo, no seu percurso, você vê o estudo das línguas indígenas no Brasil? Pensando no desenvolvimento, como você vê isso? Como se vê os estudos das línguas indígenas? Como, na sua vida, isso se desenvolveu? Como você realizou isso? E foi fazendo. Em um momento qualquer você mudou de curso, de direção etc.? Você falou que, quando entrou em contato com os dados, percebeu que precisava aprender fonética. Isso é uma dessas coisas que estou querendo saber. Dentro daquilo que você foi fazendo, em que momentos houve coisas que foram marcantes que levaram você a um certo percurso e não a um outro?

ARYON – *É porque eu senti as dificuldades que tinha para identificar e registrar certos sons. Fiz um registro baseado num trabalho como esse aí, por exemplo. Só que ele já está re-transcrito com a constituição do alfabeto fonético internacional. O que eu peguei lá é essencialmente fonético, não é fonológico. Então eu me dei conta de que no Brasil não havia estudos de fonética.*

ENI – E como você se instrumentou?

ARYON – *O pouco de fonética que o Mansur Guérios dava era para estudantes de Letras. Ele mesmo não tinha um treinamento especial em Fonética, isso não existia no Brasil. Não havia Fonética nem em São Paulo, nem no Rio de Janeiro. Então eu pensei: “O jeito é ir para fora”, e assim, fui cultivando a idéia de ir para o exterior.*

ENI – Você foi para a Alemanha?

ARYON – *Acabei indo para a Alemanha. Eu me candidatei para a Alemanha no início da década de cinquenta.*

ENI – E o que fez você se decidir pela Alemanha?

ARYON – *Como?*

ENI – Tinha algo especial?

ARYON – *Não. Eu estava pensando nos Estados Unidos, na verdade. Até um amigo, que tinha ido fazer Geologia nos Estados Unidos com uma bolsa de uma Fundação, me apresentou os papéis para que eu me candidatasse a uma bolsa, assim como ele. Parece-me que era uma universidade americana de lá. Mas, nessa ocasião, o professor de Alemão da faculdade – que era alemão e tinha emigrado depois da guerra – me disse que Linguística mesmo era na Alemanha e que eu poderia pedir uma bolsa da Fundação Alexander Von Humboldt. Ele pegou os papéis no Consulado e eu me candidatei, mas avisei que meu alemão era só de leitura, eu não falava alemão. Ele, então, propôs que eu praticasse alemão com ele enquanto esperávamos a resposta.*

ENI – Você se preparou e foi.

ARYON – *É. Conversei com ele em alemão, informalmente, só algumas vezes. Fui para lá, na verdade, com meu alemão de “língua escrita”. Tanto que, quando eu aluguei um quarto lá, não consegui alugar em alemão e acabei alugando em francês. Lá em Munique.*

ENI – Daí você foi para Munique?

ARYON – *Eu fui para Munique porque ele me recomendou Munique como sendo o melhor centro de Linguística. Tudo foi formalizado: a fundação se comunicou com a Universidade de Munique, a Reitoria mandou a carta de aceite e assim foi. Só*

que depois, chegando à Munique, vi que não era o lugar mais adequado. Do ponto de vista dele era, porque ele era eslavista, e, de fato, Munique era o principal centro para línguas européias, para linguística européia. No primeiro semestre, fiquei por lá. Fiz Linguística Indo-Européia e uma quantidade de coisas. Mas o que me interessava, além da Fonética, era, também, a prática do trabalho de campo, por causa da necessidade que eu senti.

ENI – E você já tinha a noção de descrição e de análise? Quer dizer, a idéia de descrever uma língua, analisar, isso já era presente no seu espírito?

ARYON – *É. Isso, talvez, eu tenha desenvolvido lendo descrições de línguas, sobretudo de línguas indígenas, publicadas no International Journal of American Linguistics, que assinei durante um bom tempo antes de ir para a Alemanha. Descrições estruturalistas, sucintas, objetivas e tal e coisa, aquele blá-blá-blá. Adquiri aquele estilo, justamente. Então, antes de ir para a Alemanha, publiquei numa revista da faculdade “Análise Morfológica de um Texto Tupi” que, até hoje, todo mundo usa e cita. E naquele estilo enxutinho. Formei-me em 50, e este artigo saiu publicado em 52. Mais recentemente, um rapaz que foi meu co-orientando de mestrado, uns anos atrás, e que está fazendo doutorado em Chicago, escreveu um artigo e pôs em nota que o título, “Análise Morfológica de um Texto Karajá”, é uma homenagem ao meu trabalho daquele tempo.*

ENI – Já ‘de texto’ mesmo não é? Você fala em ‘texto’.

ARYON – *Texto. Eu analisei um texto do Anchieta, buscando o quê de estrutura gramatical tinha ali. E, agora, esse menino [Eduardo Rivail Ribeiro] fez o “Análise morfológica de um texto Karajá” e pôs em notinha no pé de página, dizendo “é uma paráfrase em homenagem ao trabalho do professor Aryon”.*

ENI – Gostoso, não é? Mas o dele é um texto já construído, ou seja, é obtido por pesquisa de campo.

ARYON – *O dele é obtido por pesquisa de campo.*

ENI – De campo, que é diferente, já. É interessante.

ARYON – *Que é diferente, já. Pois é.*

ENI – Já é possível, agora, com certeza, o desenvolvimento dessas pesquisas.

ARYON – *Agora é possível. Justamente.*

ENI – Na Alemanha, onde você conseguiu as coisas que você queria? Ou não conseguiu?

ARYON – *Eu me informei sobre o que havia nas universidades pelos catálogos. No Brasil não tinha e continua não tendo catálogos, em geral. A Unicamp tem, mas a maioria não tem mais seus catálogos. Havia duas universidades que se aproximavam mais do que eu queria: Hamburgo e Colônia. Nas duas havia Linguística Africana, e na de Hamburgo, além de Africana, havia, também, Linguística Polinésia. Para americano não tinha nada.*

ENI – Em estilo ‘descrição’? Porque os alemães são muito fortes em Linguística Histórica, não é?

ARYON – *Sim, era descritiva, línguas africanas e tal. Era o que interessava para mim.*

ENI – E você foi para Colônia ou Hamburgo?

ARYON – *Fui para Hamburgo porque lá havia, além das Línguas Africanas, as Polinésias, abria mais o leque. Fiz doutorado com área principal em Fonologia. Minha tese é sobre a Fonologia do Tupinambá. Como áreas subsidiárias – tinha que ter duas áreas subsidiárias – fiz Linguística Africana e Linguística Românica. Eu havia me inscrito em Linguística Malaso-Polinésia, mas o professor era tão chato que desisti e mudei para Linguística Românica.*

ENI – Isso me faz pensar no papel importante que a Linguística Românica, ou a Filologia Românica (no caso do Brasil), teve para o desenvolvimento de vários assuntos da Linguística. Bem, aí você retornou para o Brasil?

ARYON – *Depois do doutorado ainda fiquei na Alemanha por um ano, trabalhando como Assistente Científico do Departamento de Línguas Africanas. Lá havia muitos africanistas.*

ENI – Ah, é? Eles se lançam, então.

ARYON – *Se lançam!*

ENI – Então, é isso. Como é que você realizou isso, como foi fazendo, quando mudou de curso, de direção, ou não. Você teve umas passagens obrigatórias, pois na verdade, não encontrava línguas indígenas sendo ensinadas na Alemanha.

ARYON – *Não, não.*

ENI – A não ser as línguas da Polinésia.

ARYON – *É.*

ENI – Nos Estados Unidos você teria conseguido trabalhar com línguas indígenas, diretamente, não?

ARYON – *Teria.*

ENI – Porque já tinha uma tradição mais forte.

ARYON – *Justamente.*

ENI – Bom, você ficava ainda seduzido por essa chance de poder ir para os Estados Unidos e aprender, ou não?

ARYON – *Não.*

ENI – Você achou que a sua expertise já estava sendo elaborada?

ARYON – *Não, eu achava que já era a hora de aplicar no Brasil. Eu me iludi que podia aplicar logo.*

ENI – Aí você veio para o Brasil?

ARYON – *Aí eu vim para o Brasil. Aceitei uma proposta para a Universidade do Paraná, do professor de Antropologia, que se empenhou para que eu voltasse, embora eu não devesse nada, porque não consegui nenhuma bolsa no Brasil. Fui só com bolsa da Alemanha. Pedi auxílio para viagem na Capes porque a bolsa alemã não*

pagava viagem – eu precisava pagá-la – e a resposta foi de que Linguística não estava na área de interesse da Capes.

ENI – *É! Veja só! Mudou muito, durante um tempo, pelo menos.*

ARYON – *Mudou muito, mudou muito... Pois é!*

ENI – *E graças às pessoas que insistiam em fazer Linguística apesar dessas dificuldades, não é Aryon?*

ARYON – *Então tive que pedir à fundação da Alemanha um adiamento de um semestre, para eu poder trabalhar e juntar dinheiro da passagem. Isso, com receio de que dissessem “Não, não dá”, mas eles concederam. Assim, trabalhei por mais de meio ano dando aula em cursinho pré-vestibular e então comprei a passagem de navio.*

ENI – *Sabe que aí é parecido comigo? Dei aula em cursinho, fui revisora de editora, para poder fazer curso de linguística, só que eu já estava na USP e consegui o apoio como leitora. E fui pela Linha C, pelo Augustus, para a França.*

ARYON – *Por Augustus?*

ENI – *É. Fui pelo Augustus e desci em Cannes. O navio parava em alto mar e um barquinho nos pegava porque não havia Porto.*

ARYON – *É! Isso.*

ENI – *Eu parei na França e você foi para a Alemanha. É outra linha.*

ARYON – *É. Eu fui até Gênova, que é o final da linha, peguei um trem para Milão, onde fiquei uma semana e, depois, fui via Suíça para Friburgo, na Alemanha.*

ENI – *Então você ficou trabalhando na linha da Linguística?*

ARYON – *É, Linguística Descritiva.*

ENI – *Em Línguas Africanas?*

ARYON – *Africanas. Eu precisava fazer uma opção. Para continuar no Departamento de Línguas Africanas, eu deveria ir para campo, na África. Esta era a condição que o Departamento de Linguística Descritiva colocava.*

ENI – *Ou voltar para o Brasil.*

ARYON – *Então eu estava considerando que se eu fosse para a África, iria para Guiné-Bissau, onde as línguas ainda não estavam sendo estudadas. Eu já tinha feito cursos de Kimbundo de Angola, de uma outra língua Banto, de Kamerun de Duala e de língua Hauçá da Nigéria, que era língua obrigatória. Esta era especialidade do chefe do departamento, todo mundo tinha que fazer. Hauçá me interessava porque é uma língua que também foi falada na Bahia. Daí ficou o nome ‘arroz-de-hauçá’.*

ENI – *Ah!*

ARYON – *Aqui, na Bahia há os Halçá – ou Halça.*

ENI – *Sim.*

ARYON – *Quis fazer coisas que fossem úteis ao Brasil, então também fiz curso de Kimbundo por causa de toda essa nomenclatura Banto que temos aqui, que, em grande parte, vem do Kimbundo de Angola.*

ENI – Existe até uma Gramática de Kimbundo que foi feita no Brasil.

ARYON – *A primeira Gramática foi feita lá em Pernambuco.*

ENI – É interessante isso. Mas, então, como você se decidiu pelas línguas indígenas brasileiras?

ARYON – *Eu já estava com as línguas indígenas, tanto que a minha tese de doutorado é sobre língua indígena daqui.*

ENI – Mas você deu essa passadinha pelas línguas africanas.

ARYON – *É. Aí eu precisava decidir. Se ficava, iria virar africanista e faria trabalho de campo na África. Eu tive um convite para Colônia, mas para Linguística Geral, e não para Línguas Africanas. Tive esse convite para a cidade de Colônia porque quem assumiu a direção do Departamento de Linguística foi o Hansjakob Seiler, um professor que estava em Hamburgo e que foi membro da minha banca de doutorado. Ele quis me levar para lá pra reforçar o departamento. Ele mesmo havia trabalhado com uma língua indígena da Califórnia [língua Cahuilla]. E também havia uma correspondência de Curitiba, do catedrático de Antropologia, o Dr Loureiro Fernandes, propondo que eu fosse para lá. Eu escrevi dizendo: “Olha, mestre, só se for em tempo integral. Se não, não há condições de eu fazer pesquisa”. Quase nenhuma universidade tinha tempo integral, as Federais não tinham. O que se fazia era dar doze horas de aula e, para viver, ir para seu escritório de advocacia, seu consultório médico... Ou então, dar aula em Ginásio o resto do tempo. Então, para desenvolver pesquisa, só se fosse assim.*

FIM DO LADO A

O chefe do Departamento de Antropologia do Paraná me respondeu que havia conversado com o Reitor e este assegurou que eu teria tempo integral, mas que ficaria responsável pela Linguística e também trabalharia para o Departamento de Antropologia. Ele encomendou que eu visse com os técnicos da Alemanha, um plano de uma câmara acústica de gravação para instalar no Departamento de Antropologia, a fim de que eu pudesse realizar gravações de línguas indígenas. Então, a coisa ficou muito atraente. Mande os desenhos mostrando como fazer as dimensões das coisas, os revestimentos das paredes, e eles executaram.

ENI – É?

ARYON – *Quando cheguei a câmara já estava pronta.*

ENI - Que beleza!

ARYON – *É, isso no Departamento de Antropologia. Nas Letras é difícil de conseguir as coisas.*

ENI – Mas você seria professor nas Letras?

ARYON – *Eu seria professor nas Letras e na Antropologia.*

ENI – Que é a Linguística Antropológica.

ARYON – *Exato.*

ENI – Uma vez eu até critiquei, porque esse nome... Quando você trabalha com outras línguas, também é cultura. E ninguém chama de linguística antropológica quando

se trabalha com o inglês, por exemplo. Mas, do ponto de vista histórico, na verdade, é nesses ambientes em que a Antropologia também faz esse tipo de trabalho é que se vai conseguir estudar as línguas indígenas. Isso vai se caracterizando muito no Brasil. O que vai dar sentido ao nome linguística antropológica.

ARYON – *É. Exatamente. Então eu optei por voltar para Curitiba.*

ENI – E aí entra a pergunta sobre o estudo das línguas indígenas no Brasil. Com todo esse percurso, como você considera o apoio dado ou não? Como é que isso foi acontecendo? Ao acaso, como você disse, às vezes, vagos, esparsos? Ou você vê como algo que começa a tomar uma certa forma num certo momento? E, além de você, quais as pessoas que você considera que contribuíram para esses estudos, nessa maneira como vem sendo constituída a linguística indígena?

ARYON – *Bom, por um lado, a gente tem que ver o aspecto institucional. Que tipo de quadro havia, não é?*

ENI – *É! Porque aí você já mostra como...*

ARYON – *Mostra a situação institucional dos estudos de línguas indígenas no Brasil. Isso começou na USP, já com a fundação. Foi fundado em 34, e em 35, por indicação, se não me engano. São as informações que eu tenho, porque eu ainda não estava lá. Com a vinda do Vieira de Magalhães, consultaram a ele, porque ele era uma das pessoas que escrevia sobre temas indígenas também, e tinha feito uma documentação dos Bororos em Campinas. Ele era mineiro, e, numa vez que esteve em Campinas, encontrou um grupo de índios Bororos vindo da cidade de Cuiabá, Mato Grosso. O grupo estava passando por Campinas para ir a São Paulo tentar obter uma ajuda do Governo do estado. Ele aproveitou para fazer amizade com os índios e ali, naqueles dias, pegou um extenso vocabulário que publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vocabulário extenso mesmo, praticamente como um dicionário. Então, ficou conhecido como o homem que se interessava por línguas indígenas, como historiador, sobretudo. Consultado se queria assumir a cadeira ou sobre quem poderia, ele sugeriu que fosse de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani – não sei se foi ele ou se foi outro que sugeriu esta combinação – e para isso, localizaram e convidaram o Plínio Ayrosa.*

ENI – Ah, certo.

ARYON – *O Ayrosa vinha publicando artigos sobre etimologia de nomes de origem Tupi em uma seção do Correio Paulistano: Itaquaquecetuba, Pirassununga, essas coisas assim. Era o homem que sabia Tupi em São Paulo. Plínio Ayrosa era um engenheiro. Amante disto, por vocação, essa inclinação, por isto, pelas línguas indígenas também. Aí o convidaram para dar aula. Anteriormente, ele tinha dado um curso de Tupi naquela associação de professores de São Paulo, o Centro do Professorado Paulista.*

ENI – Associação de professores em geral.

ARYON – *Professores em geral. Professores de escola, justamente, não de universidade. Ele deu um curso de Tupi.*

ENI – Mais qual Tupi? O Tupi Clássico?

ARYON – *Tupi Clássico. E ele reuniu suas aulas num volume chamado “Primeiras Noções de Tupi”. Ficou nas primeiras noções, não saiu daí. Enfim, ele dá coisas que são cogitações dele, outras que pegou do Anchieta, Etimologia, tem um pouco de tudo. Tratamento de amor.*

ENI – Está certo. De quando é?

ARYON – *Esse livro saiu em 1933. Quando a faculdade foi fundada, em 34, começaram a procurar alguém para dar curso de Tupi, então, o Plínio Ayrosa se instalou como catedrático de Etnografia Brasileira, embora nunca houvesse trabalhado com isso. Mas é que, anteriormente, já havia se criado uma situação: ele ficou dono de uma cadeira, como fundador. Fez concurso para cátedra em 37 com uma tese sobre Tupi Antigo sobre a partícula dos índices de relação de posse em Tupi Guarani, e a tese foi aprovada. Naturalmente, era ele quem mais sabia disso, na época, assim, ficou catedrático, com cadeira vitalícia por 25 anos. 25 anos catedrático ali. Do lado da língua Tupi, ninguém nunca reclamou. Do lado da Etnografia sim, porque os etnógrafos e antropólogos ficaram de fora. Então, o Egon Schaden...*

ENI – É isso que eu ia perguntar. Como fica o Egon Schaden nessa história?

ARYON – *O Egon Schaden entrou como assistente da cadeira de Antropologia, que era do Emilio Willems. Willems era alemão e imigrou para São Paulo na mesma época que o Baldus, só que o Willems conseguiu entrar na USP e nunca deixaram Baldus entrar na USP. O Schaden queria a cadeira de Etnografia, pois era o que ele fazia, e esta cadeira estava na mão de uma pessoa que não era etnógrafo, não fazia nada de etnografia, que publicava somente coisas sobre línguas.*

ENI – Etimologia.

ARYON – *Não. Ele continuou publicando Etimologia, mas só nos jornais, ou na Revista do Arquivo Municipal. Para as publicações da cadeira, ele passou a fazer edições de manuscritos. O mérito, o principal do Ayrosa, para mim, são as edições que fez. Tornou conhecidas coisas que eram muito pouco ou nada conhecidas, e que, talvez, tivessem ficado muito mais tempo sem ser conhecidas. E ele fez. Não tinha técnica de edição de manuscritos antigos, então, isso deixou muito a desejar do ponto de vista técnico, filológico, e tudo. Mas é o que pôde ser feito.*

ENI – E como foi essa publicação? Ela foi feita onde?

ARYON – *Naquela série de Boletins da Faculdade de Filosofia.*

ENI – Ah, sim. Aquela que você me indicou e que eu li, inclusive.

ARYON – *Isso, justamente. Aquela que saiu na série de Etnografia de Língua Tupi-Guarani.*

ENI – Então saíram manuscritos também. Publicados nessa série?

ARYON – *Saíram manuscritos dos séculos XVI-XVII e de mais tarde.*

ENI – Isso circulava bem?

ARYON – *Não sei. Era uma distribuição gratuita, daquelas publicações universitárias que não podiam ser vendidas.*

ENI – Isso a partir de que ano? Já pelos anos 30 ou não?

ARYON – *Não, nos anos 40. Então, o que acho que mais ficou da obra do Ayrosa foram essas publicações, dele como editor.*

ENI – Isso das contribuições que você está falando, daquilo que você consegue ver como alguma contribuição.

ARYON – *Eu acho que isso é pessoal.*

ENI – E como você vê seu percurso mesmo em relação a isso? Você trouxe, de modo mais decisivo, direto, a questão para a distinção das Línguas Indígenas? Ou não? Ou há outras pessoas que você acha que trouxeram?

ARYON – *Eu acho que, no caso da descrição, fui eu, sabe. É que você começa a me olhar, assim. Você me provoca com olhar, assim...*

ENI – *É!* Eu acho importante isso, não é, Aryon?

ARYON – *Mas eu acho que sim. O Mansur Guérios procurou fazer descrição. Só que, olhando hoje, ele era tecnicamente muito mais ingênuo, não teve oportunidade nenhuma. Ele fazia como podia. Embora lesse muito – era um grande leitor – não entrou por aquele caminho por que eu entrei, espontaneamente.*

ENI – Ele tinha uma formação de Linguística como você passou a ter, quando você foi para a Alemanha?

ARYON – *Não, não teve! Não teve, não.*

ENI – Então, aí vem essa relação das línguas indígenas e de linguística. Dá uma diferença.

ARYON – *Ele foi um pioneiro autodidata! Mesmo sendo professor de faculdade, era um autodidata. Quase todos eram. E quanto à Linguística, o tipo de Linguística que mais o atraiu foi a Linguística do italiano Alfredo Trombetti, um linguista que morreu em 28, mas que era ativo desde o início do século XX. Inclusive, escreveu um monumento, Elementi de glottologia. Na Itália era Glotlogia Linguística. Hoje é Linguística, naquele tempo era Glotologia. E há um outro, L'unità d'origine del linguaggio, que procura mostrar que todas línguas têm origem comum.*

ENI – *É* uma perspectiva histórica?

ARYON – *Histórica comparativa. Ele era um gênio para dominar línguas. Aprendia a falar, facilmente, línguas de todo mundo, e isso facilitava a comparação das línguas dos continentes. O Trombetti era uma pessoa de muita leitura, um sujeito enciclopédico. Ele tinha uma tese de que a vida simboliza o sol. Combinava bem com a tese da igreja católica de que temos uma só gênese humana.*

ENI – *É!*

ARYON – *Pois é. Então, ele queria provar a tese da origem da linguagem. Daí o livro A unidade da origem da Linguagem, que compara os sistemas pronominais, verbos, por todos os continentes, inclusive das línguas daqui. Ele pegava literatura de tudo. E o Mansur foi um grande admirador do Trombetti.*

ENI – Quer dizer que ele se inspirava no Trombetti quando fazia as análises dele?

ARYON – *Se inspirava, justamente. Se bem que também lia os autores franceses. Conhecia bem Meillet, [Albert] Dauzat, esses mais conhecidos.*

ENI – E os americanos? Não ainda?

ARYON – *Dos americanos, ele conhecia Sapir, e alguns mais antigos como o, por exemplo, Foundations of Language, mas não estava bem a par dos americanos mais modernos, só do Sapir. O Sapir é atípico nos Estados Unidos, é um descritivista, mas com uma visão muito mais, ainda em contraste com Bloomfield, por exemplo, que eu diria, estrita.*

ENI – Que é o mentalismo e o mecanicismo.

ARYON – *É, tentando matematicizar o método de discussão.*

ENI – Que é o mecanicismo dele, não é?

ARYON – *É, justamente, versus o mentalismo do Sapir. E o Mansur é naturalmente mentalista.*

ENI – E você? Você se considera mais de que lado aí? Só para eu saber.

ARYON – *Eu acho que eu sou, como é que se diria?*

ENI – Um misto.

ARYON – *Um misto, um simbiótico.*

ENI – *É. Porque o Maurer foi aluno do Bloomfield, mas ele...*

ARYON – *Renegou!*

ENI – Renegou!

ARYON – *Mas isso...*

ENI – Renega, ele renega, mas assim mesmo eu acho que tem uma influência forte na maneira como ele trata do problema do latim vulgar.

ARYON – *É aquilo que eu disse a você sobre o prefácio que ele fez para o Hopkins. Você já teve ocasião de ler?*

ENI – Já. Já analisei, inclusive.

ARYON – *Pois é, lá ele tem um conceito Bloomfieldiano!*

ENI – Muito! E há um pedaço em que ele escreve assim: “embora um pouco pesado, é muito importante, ao largo da linguística histórica”. Ele põe esse “um pouco pesado” dele, mas, no resto, fala.

ARYON – *Sim, mas o “um pouco pesado” é porque se exige dominar uma terminologia muito precisa, acho que é por isso.*

ENI – Mas, então, eu acho que isso é uma queixinha dele, mas ele, o tempo todo, é incisivo em relação às contribuições da linguística na parte em que diz: “não tem pressupostos lógicos e psicológicos, [sic] vê a descrição real de uma língua, sem interferência de emoções”.

ARYON – *É, justamente. Ele sabia apreciar o sentido da coisa. E acho que ele mudou, porque me surpreendi quando, lá em Marília, no encontro que o Ataliba convocou, me chamando, chamando o Maurer e o...*

ENI – O Mattoso.

ARYON – *E o Mattoso. E a aparência do Maurer me surpreendeu enormemente. Foi lá, naquela palestra, que ele, publicamente, renegou o Bloomfield.*

ENI – É. Renegou em certo momento. Para mim, ele falava muito no Bloomfield. Eu fui orientanda dele. Depois que ele se aposentou, minha tese ficou sob a orientação do Cidmar. Mas, no começo, foi com ele. Ele falava para mim “Esse seu estruturalismo é muito árido, você precisa pensar o homem atrás dessas descrições”, criticando meu gosto pelo Hjelmslev, mas apoiando a linguística. [A opção para esta aridez poderia ir para outro lado, o do Sapir, por exemplo, em que se encontra a questão da cultura. Mas penso que ele criticava esta falta do homem no pensamento sobre a língua de outro modo, pois ele vinha da Filologia Românica, da Linguística Histórica e Indo-Européia, não é? E o estruturalismo que eu praticava, com Hjelmslev, era algébrico].

ARYON – *Eu sempre fiquei com essa impressão. Você foi aluna dele e tem outra maneira de ver, é claro. No meu caso, são uns relampagozinhos aqui e lá. Eu conheci o Maurer pessoalmente.*

ENI – Devemos a ele a introdução da linguística geral, na USP. Meu mestrado em Linguística, na USP, tinha ele como professor (anos 65/67). Mesmo que, nas orientações, ele manifestasse sua preocupação com meu estruturalismo radical (formalista e não funcionalista) e de que era preciso reencontrar o homem (o humanismo) atrás da aridez formal.

ARYON – *Pois é, mas quando o conheci, ele ainda não falava isso ainda.*

ENI – Ah, certo.

ARYON – *Provavelmente, eu conheci o Maurer antes de você.*

ENI – Antes de ele ter renegado, não é?

ARYON – *Antes de ele ter renegado.*

ENI – Conheceu antes.

ARYON – *Eu o conheci quando ele foi à Curitiba, uma vez, por razões, provavelmente dos interesses cooperativistas dele.*

ENI – Mas o cooperativismo fazia com que ele renegasse o mecanicismo. Não a linguística.

ARYON – *Pois é. Eu era um menino lá, aluno de Faculdade ainda. Mas já sabia da existência do Maurer como professor, e já tinha lido aquele prefácio.*

ENI – Eu não tinha lido, li agora quando você me disse.

ARYON – *Porque eu recebi. O Ayrosa me mandava os boletins, embora eu fosse garotão. Eu mantinha correspondência com Ayrosa, tal e coisa.*

ENI – É. Eram praticantes, não é?

ARYON – *Pois é, eles pensavam que eu era gente grande. Eu me lembro do jornal de Curitiba, Gazeta do Povo, Visitantes Ilustres da Cidade: “Acha-se no Grande Hotel Moderno, o professor Dr. Henrique Maurer Junior, catedrático da Universidade de São Paulo...”*

ENI – E você foi?

ARYON – ... *Com sua esposa*”.

ENI – Branca, Dona Branca.

ARYON – *Não, lá não tinha Branca, não.*

ENI – No jornal não tinha Dona Branca?

ARYON – *Não tinha, pois é. Ela é amorenada, não?*

ENI – Ela era, mas se chamava Dona Branca.

ARYON – *É, Branca [sic].*

ENI – É.

ARYON – E eu, de furão, fui para a portaria do hotel lá pelas 10 da manhã, pedir confirmação, para saber se estava hospedado o professor Henrique Maurer. “Ah, sim, está sim”. “E ele está agora aqui no Hotel?”. “Está sim, no apartamento dele. Você quer que eu ligue?”. Ele ligou, e no telefone, eu falei: “Aqui é um professor do campo de Linguística. Fiquei sabendo que o senhor estava aqui, gostaria de conhecer o senhor”, “Ah, espera um minutinho que vou descer”. Ele trouxe a esposa e ficamos no sofá conversando.

ENI – Nesse tempo ele era bloomfieldiando?

ARYON – *Ele me disse. Foi aí que fiquei sabendo que ele tinha estudado diretamente com o Bloomfield.*

ENI – Em 45, 46, estudou como o Bloomfield.

ARYON – É. E ele disse isso para mim com muito orgulho. Eu perguntei para ele: “O senhor está ensinando Linguística?” e ele respondeu que não.

ENI – Era Glotologia Clássica.

ARYON – *Porque a cadeira de Linguística não tinha sido criada ainda. Ele estava na Românica, mas na expectativa de que criassem uma cadeira. Daí ele passaria para a cadeira de Linguística.*

ENI – Ele batalhou para que existisse Linguística, isso é claro.

ARYON – *Mas ele me disse que ele queria ficar com a cadeira.*

ENI – É, mas ele se aposentou nesse momento. Ele saiu, mas disse que queria que criassem.

ARYON – *Não, é muito depois disso.*

ENI – Sim. Mas quando criou, foi nos anos 60, já.

ARYON – *Criaram tardiamente, mas esse, eu acho, é que foi problema do Maurer.*

ENI – Tem razão. Mas ele tentou. Ele abriu as portas para isto. O prof. Maurer atendeu nossa reivindicação de criar o curso de especialização em Linguística Geral (1965), que, depois se tornou um mestrado. Ele dava Linguística Indo-Européia na época. Eu vou dizer algo delicado e sujeito a polêmica. Quando falamos do Salum em relação à linguística, não posso deixar de dizer que, nos anos 60, o prof. Salum resistia à

criação da Linguística. O prof. Maurer, nas nossas reuniões – eu estava lá sempre, pois era instrutora, era o início do início da carreira – falava sempre a favor da Linguística. Ele criou, como disse, o curso de mestrado em Linguística Geral. Foi mais tarde que o prof. Salum ficou mais favorável. Já o prof. Maurer era favorável e criou as condições para a entrada da linguística. E foi pela Filologia Românica (e não Portuguesa) que a Linguística encontrou espaço para entrar. Em nosso curso de mestrado em linguística geral, trabalhávamos com Saussure, com Fonologia, com Hjelmslev. Com sânscrito também. E quando o Izidoro veio da França, veio focado na Linguística, e o Cidmar, também, voltou da França muito favorável. Então, penso que o prof. Maurer criou as condições institucionais e intelectuais para que houvesse Linguística. Penso, e isto é de minha inteira responsabilidade interpretativa, que ele cultivava a ideia de uma linguística que trouxesse o que o estruturalismo estava trazendo, sem perder contribuições que já faziam parte da história da linguística, tal como ele a vinha praticando. Já que suas obras, como o Problema do Latim Vulgar, ou A Unidade da România Oriental, ou seu trabalho sobre o Infinito Flexionado em Português, são referências imprescindíveis dos estudos filológicos, da linguística histórica.

ARYON – *Já naquela sala, comigo, ele disse que ele estava esperando que criassem uma cadeira para ele passar para a cadeira de Linguística.*

ENI – E ele criou as condições institucionais para que isto acontecesse. Só que, como o senhor disse, demorou muito. Esta sua informação é importante nesta história de constituição da Linguística na USP. Então, voltando ao nosso assunto. Você estava dizendo das pessoas que, além de você, você considera que deram uma contribuição para esses estudos.

ARYON – *Só para ir mais breve, no caso da USP. É que a institucionalização...*

ENI – Dos estudos das línguas indígenas

ARYON – *Institucionalizados numa instituição universitária. Foi na USP que começou.*

ENI – E isso foi importante.

ARYON – *É, foi importante e foi desviado ao mesmo tempo. Ficou essa idéia de Tupi-Guarani, porque o catedrático que assumiu, que foi o Ayrosa, interpretava como uma língua só e não como um conjunto de línguas, da forma que nós entendemos hoje. E ele misturava Guarani Paraguaio com Tupi Antigo do Anchieta, como sendo uma língua só.*

ENI – E ficou mais [fora], acho que a gente ficava confundindo por causa disso.

ARYON – *Justamente, em grande parte, por isto. E a USP tinha um espaço para língua indígena, mas para apenas uma língua. E isto não pôde ser modificado, apesar das críticas que o Ayrosa começou a receber de fora. O primeiro grande crítico dele foi o padre Antonio Lemos Barbosa, do Rio de Janeiro. Ele era secretário do Arcebispo do Rio de Janeiro e tornou-se professor de Tupi na PUC-RJ. Adquiriu um conhecimento muito bom nas obras clássicas de Anchieta, do padre Figueira, conhecia bem Tupi Antigo. Ele não se conformava com as coisas que o Ayrosa escrevia. Quando o Ayrosa resolvia ir além dos documentos e fazer comentários, metia os pés pelas mãos, frequentemente, e o Lemos Barbosa o criticava. Ele criticou, sobretudo, uma certa edição do Jean de Léry, traduzida pelo Sérgio Milliet, na qual o Ayrosa foi*

encarregado de fazer todo o tratamento dos textos em Tupinambá. Foi um desastre. Ele pôs na cabeça, primeiramente, de substituir a escrita original por uma de criação dele. Aí já tirou todo o caráter documental do livro, do ponto de vista do linguista. Por outro lado, quis corrigir as traduções do francês, quis corrigir tudo e ele criou coisas erradas da parte dele. Então ficou muito ruim, infelizmente. É uma edição que não se aproveita para a Linguística.

ENI – E esta, que foi criticada pelo...

ARYON – *Pelo Lemos Barbosa, e com toda a razão. Só que foi uma crítica forte, e o Ayrosa, não acostumado a aceitar crítica, encastelado, e já catedrático, deu uma resposta infeliz demais: publicou um desafio ao Lemos Barbosa, dizendo que lhe dava cinco contos de réis se ele conseguisse fazer uma tradução melhor.*

ENI – E o Lemos Barbosa fez?

ARYON – *Não. O Lemos Barbosa respondeu que isso não fazia sentido, porque ele tinha dito que esse trabalho não deveria ser feito, o que deveria ter sido feito era tentar restaurar direito o documento, e não simplesmente fazer uma tradução. Mas aí deu essa polêmica que eu trouxe. Depois, entra o Edelweiss, da Bahia, não sobre o texto do de Léry, mas sobre outras coisas do Ayrosa.*

ENI – E o Schaden, entrava como nesta coisa?

ARYON – *Não. O Schaden não entrou em nada aí. O Schaden estava na espregueira, provavelmente. Ele não fez nada durante esse tempo todo, nunca interveio. Quando o Ayrosa faleceu, em 1961...*

ENI – Eu vejo.

ARYON – *Então se abriu a oportunidade para o Schaden. Ele propôs, na congregação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, que a cadeira fosse reformulada, dividida, tirando Etnografia e rebatizando a parte de Linguística, que devia passar a ser cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, abrindo, também, para as outras línguas. Ficou uma coisa muito sensata.*

ENI – Sensata, ele pôs no lugar.

ARYON – *E Etnografia foi anexada à Antropologia.*

ENI – Está certo.

ARYON – *Ele passou a responder pela Etnografia do Brasil, e aí ficaram os herdeiros.*

ENI – Drumond e o...

ARYON – *O Drumond, que estava ali, e ainda, o que está aqui agora conosco, o mais simpático de todos, que é o Erasmo e o Philipson. Havia uma outra assistente que já tinha saído, a Maria[sic], e, antes, a Maria de Lourdes de Paula Martins, que rompeu com o Ayrosa. Os que tinham boa cabeça, o Ayrosa punha fora, mas, nesse momento, estavam os três.*

ENI – Você acha que isso teve repercussão na questão do estabelecimento do estudo das línguas indígenas? Você disse que teve um lado positivo, mas tinha um lado negativo.

ARYON – *Pois é, esse momento de abrir para uma cadeira de Línguas Indígenas para o Brasil tinha sido a grande oportunidade da USP desenvolver a coisa.*

ENI – Mas não desenvolveu.

ARYON – *Mas ali não deu. Não deu porque o Drumond se associou com o Erasmo contra o Philipson. O Philipson era o único que tinha condições de abrir a coisa, pois ele sabia Linguística e os outros dois, que eram professores de Geografia e História, não sabiam. Ele era o único que não era de Geografia e História.*

ENI – E o Philipson era citado. Na França, eu li a Suzanne Lussagné e ela o cita. Ele era respeitado.

ARYON – *A Suzanne, justamente. Ele colaborou com Suzanne, [fez notas esclarecedoras, para os textos de Thevet, tudo isso].*

ENI – É. Ele era respeitado.

ARYON – *E ele era bem visto pelos antropólogos também e tinha boas idéias. Publicou sobre interpretação, sobre a terminologia do parentesco Tupi-Guarani, tudo isso. O Philipson tinha feito um estágio em Linguística no melhor centro que havia na época para línguas indígenas nos Estados Unidos, que era a Universidade de Indiana, com o Voegelin, que era um grande especialista. Ele passou um ano lá.*

ENI – Você acha que o Philipson tem, também, uma certa contribuição?

ARYON – *Sim, uma certa formação. Mas isso, justamente, fez com que os outros dois o afastassem com medo de que ele ficasse dono da cadeira. Quem acabou ficando dono foi o Drumond, mas aí foi a época em que se criaram os cursos noturnos, então o Drumond ficou com os diurnos e...*

ENI – Erasmo com os noturnos, e pronto.

ARYON – *Erasmo com os noturnos, e não tinha lugar para Philipson.*

ENI – E ele foi lá para impedir, mesmo.

ARYON – *Justamente, foi esse negócio. Tentaram impedir o doutorado dele também. Eu fui lá para salvar, inclusive. Participei da banca. Antonio Cândido foi assistir para garantir que a coisa se fizesse no dia.*

ENI – Na minha banca também, o Cândido assistiu a minha defesa para garanti-la. Fiquei emocionada o vendo sentado na primeira fila. Como eu já estava na linguística da USP desde a época do Maurer, antes do retorno do Cidmar de Montpellier, em 68, ele tentava me segurar, me afastar. O Cândido tem um papel importantíssimo na USP toda, inclusive para a linguística. Aryon, então, isso é a USP.

ARYON – *Isso é a USP.*

ENI – É essa coisa é ambígua, não é?

ARYON – *É. Então, a USP, infelizmente, não deu a contribuição que poderia ter dado como instituição. Deixava as pessoas de lado, foram acontecendo as coisas e ela, até hoje... Agora, talvez... esteja começando agora.*

ENI – E com o resto do Brasil, como você vê esse tipo de movimento das línguas indígenas? Hoje, a gente pode dizer, com tranquilidade, que isso se estabeleceu de uma maneira forte no Brasil, você não acha?

ARYON – *É o que eu percebo no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, o braço forte da Linguística foi o Mattoso Câmara Junior. Ele não trabalhava com Línguas Indígenas, no entanto, entendia que era necessário trabalhar isso. Foi ele que - não sei de quem foi iniciativa -, mas ele acabou sendo o organizador do Setor Linguístico do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, sem ser funcionário do Museu. Efetuou o trabalho, gratuitamente. Eles corresponderam dando-lhe um belo espaço, o Jardim da Princesa, uma bela sala para ele se instalar e trabalhar no Museu. Só que, infelizmente, ele não tinha muito tempo para trabalhar, porque precisava correr para ganhar a vida. Na Faculdade era tempo parcial. Dava as aulas na Faculdade de Letras da Universidade e ganhava pouco, naturalmente. Aí ele ia dar aula na Santa Úrsula que era particular e lecionava no Instituto de Educação. E era professor secundarista, ainda. Então reservava lá um meio dia – não sei se é bem isso, porque eu não estava lá – para ir ao Museu e atender o Setor Linguístico. Ele fez regulamentação, plano de estágio, tudo isso. Algumas pessoas estagiaram dentro desse regime que ele criou, e estimulou o trabalho com o que já estava iniciado lá. O Museu estabeleceu uma cooperação com o Summer no Setor Linguístico. Os antropólogos pensavam que eram linguistas acadêmicos. Não sei como é que antropólogo pega missionário e não vê que é missionário.*

ENI – Depois, o Mattoso é que trouxe?

ARYON – *Não, não. Foram os antropólogos.*

ENI – Foram os antropólogos? Agora que eu entendi.

ARYON – *Foi no Museu Nacional. O Luiz de Castro Faria, diretor da Divisão de Antropologia, com um apoio de outro antropólogo de fora do Museu, que era o Darcy Ribeiro. Ele estava no Serviço de Proteção aos Índios e achava que era uma boa ideia trazer, afinal, gente para trabalhar com Línguas Indígenas no Brasil. Ele não olhou esse aspecto outro que tinha essa organização, que se apresentava como Summer Institut of Linguistics.*

ENI – Eles são melindrosos, não?

ARYON – *Eles são também Wycliffe Bible Translators, mas isso eles escondiam, quando falavam com o pessoal das instituições daqui.*

ENI – Eles se representavam como linguistas.

ARYON – *Se apresentavam como linguistas de interesse acadêmico e diziam que eram da Universidade de Oklahoma, porque a instituição tinha um contrato com a Universidade de Oklahoma.*

ENI – Uma das boas explicações.

ARYON – *Aparentemente boa, porque é uma universidade menor nos Estados Unidos, e se beneficiava de ter aquela gente toda pagando para fazer cursos lá. Os missionários todos faziam cursos. Era, justamente, uma universidade num estado que tinha sido criado como um estado indígena, para os índios. O governo pôs tudo quanto é índio para lá. Mas, depois, os brancos que lá estavam o transformaram num estado comum, que passou a ser opressivo para os índios. Lá se instalou o Summer, que é uma terra de fundamentalistas. Porque são todos fundamentalistas. Então os missionários tinham esse contrato e sempre expunham em seus escritos que eram da University of Oklahoma.*

ENI – É uma apresentação.

ARYON – *E engoliram isso como sendo pessoal da universidade. Bom, mas aí, o Mattoso faz um projeto de descrição das línguas e contribui para elaborar o questionário, também [de coleta] de material, em colaboração com a especialista que eles trouxeram para cá, a Ph.D deles que é a Sarah Gudschinsky. Por outro lado, o Museu assumiu a responsabilidade perante o governo brasileiro de manter os missionários aqui. É um negócio que eles escondem hoje, não gostam que a gente fale, porque o Museu ficou funcionando como despachante dos processos todos. Então, o Summer queria trazer mais dois missionários e tinha de apresentar a papelada toda no Museu, que preparava a correspondência para o Itamarati, pedindo a autorização. Lá no Museu havia um arquivo, uma ficha de cada um deles.*

ENI – A entrada deles era através do Museu.

ARYON – *Através do Museu Nacional.*

ENI – E você acha que a Linguística Indígena ficou muito marcada? Em que ano que foi isso?

ARYON – *Não. Ela se desenvolveu mais aí, porque nós não tínhamos gente, e começou a vir um batalhão, sobretudo para o treinamento, em descrição. Só que para depois utilizar isso para os fins deles, para os elitistas. Aparentemente é uma coisa de interesse científico. No começo, inclusive, iam procurando as universidades e tal.*

ENI – E você sobrevivia, quietinho, lá no sul? Ou nesse momento você já tinha...

ARYON – *Não. Quando eu estava na Alemanha, recebi uma carta do Herbert Baldus – que era antropólogo do Museu Paulista – me dizendo que havia recebido uma carta do Kenneth Pike, co-diretor técnico de linguística do Summer Institut. Havia um outro diretor, que era diretor administrativo e missionário, [William] Cameron [Townsend]. Ele foi o idealizador do Instituto. E o Kenneth Pike – que era professor da Linguística, mas era pastor também – era um técnico em linguística, uma grande cabeça, que promoveu várias coisas, tanto em fonologia como em gramática. Ele escreveu para o Baldus pedindo apoio, dizendo que estavam pretendendo vir atuar no Brasil. O Baldus me escreveu perguntando o que eu achava, eu estava estudando lá em Hamburgo.*

ENI – Você ainda estava em Hamburgo.

ARYON – *Eu estava em Hamburgo. Isso aí foi em 1955, 1956, deve ser isso.*

ENI – Aí você viu as condições.

ARYON – *Ai eu escrevi para o Morris Swadesh, com quem estava em correspondência. O Morris Swadesh, dos Estados Unidos foi um dos linguistas que foram vítima do macartismo. Ele era professor de Linguística da Universidade de Columbia, em Nova York e discípulo do Sapir. Só que ele era simpatizante do socialismo. Aí veio a Lei McCarthy obrigando todos os funcionários do serviço público dos Estados Unidos a assinar uma declaração de fidelidade ideológica.*

ENI – É, isso eu sei.

ARYON – Ele se negou a assinar e foi demitido, ficou sem emprego e nenhuma universidade dos Estados Unidos o aceitava. Conseguiu se manter, durante algum tempo, com bolsa e depois migrou para o México.

ENI – Certo, e você tinha contato com o Swadesh.

ARYON – *Eu tinha contato com o Swadesh, inclusive, acabamos publicando um trabalho em conjunto. Consultei a ele, fazendo somente essa pergunta: “O que você acha, estou sabendo disso...”. E ele respondeu: “Olha, eu acho que não vale a pena não, porque eles estão no México desde 1935”, e isso já era em 56, 57.*

ENI – E era mais religião do que linguística. Fiz uma conferência sobre eles na ABA, em Curitiba, e publiquei textos sobre esta relação da ciência como fachada para justificar trabalho religioso e desprestigiar o linguista brasileiro na pesquisa das línguas indígenas. Além de “aculturar” o índio no capitalismo.

ARYON – *É, e “... e eles não foram além de publicar algumas descrições fonêmicas neste tempo todo. Então, eu não cultivaria esperança nenhuma”. Aí escrevi para o Baldus, dizendo o que meu colega dos Estados Unidos achava da experiência mexicana. E, de fato, o Baldus não se meteu nisso, mas os antropólogos do Rio de Janeiro sim.*

ENI – Mas, daqui do Rio, houve muito apoio, a gente sabe da história.

ARYON – *Daqui houve muito apoio e utilizou muito também. A única coisa feita aqui foi por iniciativa do Darcy Ribeiro, que cobrou deles porque eles não trabalham com língua que está acabando, são tradutores de Bíblia.*

ENI – É verdade, não havia interesse.

ARYON – *Não interessaria a eles investir.*

ENI – Não há almas, aí.

ARYON – *O Darcy trabalhou com quem ele acreditava que era o último índio Ofaié, lá em Mato Grosso do Sul – os Ofaié eram um grupo dado por exterminado. Ele encontrou um homem Ofaié ainda vivo e trabalhou com ele, tirando da memória dele, mas o homem era duro de falar, porque estava sozinho e não sabia português direito. Este índio tinha dois filhos, só que eles estavam aprendendo português numa fazenda, onde estavam morando. O Darcy solicitou que o Summer mandasse um linguista trabalhar porque o homem só se lembrava da língua dele e não sabia português ainda. Aí a Gudschinsky foi até lá e conseguiu tirar uma quantidade de coisas desse homem, e isso foi publicado como “Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta”.*

ENI – É, o que você está mostrando é que não tem só o ruim ou só o bom. Estas coisas vêm misturadas, você precisa ir convivendo e vivendo.

ARYON – *Mas essa foi a única contribuição do Summer aqui, para uma língua que estava desaparecendo. E foi por causa do Darcy Ribeiro.*

ENI – E, afinal, você voltou da Alemanha para o Paraná mesmo?

ARYON – *Voltei, voltei para o Paraná mesmo. Chegando lá, logo recebi a visita do Summer Institute. Uma pesquisadora que estava trabalhando com o Kaingang no Paraná, Ursula Wiesemann – uma alemã – e mais um outro que estava trabalhando com os Guaranis no Paraná. Eles logo me localizaram.*

ENI – É, a logística do Summer é forte: quem está, onde, o que faz. Tentaram umas aproximações com relação a mim. Mandaram até passagem para eu ir para Congressos.

ARYON – *Eu fui responsável até pelo doutorado da Úrsula.*

ENI – De várias pessoas, Eu fui de banca de uma...Você lembra, do Summer, que foi a Edith, não, uma moça, eu fui de uma banca.

ARYON – *Mestrado?*

ENI – É, no Mestrado. Você lembra disso? Ela foi sua aluna. Ela fez mestrado lá na Unicamp.

ARYON – *Foi da língua Wayampi?*

ENI – Foi Wayampi.

ARYON – A Cheryl [Joyce S. Jensen].

ENI – Esqueci disso porque depois fui conhecer os Wayampi. Mas bem depois disso, através de um Projeto de Educação.

ARYON – *É no Projeto da Dominique.*

ENI – É, agora, quando você falou em Wayampi que eu me lembrei.

ARYON – *Mas no caso da Úrsula Wiesemann, eu disse na ocasião: “olha se você é alemã, está trabalhando com isso e quer fazer doutorado sobre essa língua, procura o Dr Hansjakob Seiler na Colônia”. Era aquele professor que queria que eu fosse para Colônia. Ela não teve dúvidas, foi e acabou fazendo doutorado com ele.*

ENI – Ah, então!

ARYON – *E saiu uma ótima tese. Está publicada em alemão mesmo.*

ENI – Vai acabar a gravação.

ARYON – *Eu acho que, talvez...*

ENI – Pode dizer!

ARYON – *Ou a gente interrompe e combina para Campinas.*

ENI – Para continuar. Eu acho que sim, porque tem muita coisa.

ARYON – *É. Eu estou no comecinho.*

ENI – É, eu estou vendo.

10-06-2003 / FIM DO LADO B

OBS: É, este é só o comecinho. E somos extremamente gratos ao prof. Aryon por nos ter concedido a entrevista e por nos ter cedido a possibilidade de publicação. Desse modo, esperamos, os estudiosos do domínio das línguas indígenas, mas também os da linguística em geral, do Brasil e do exterior, terão um material bastante rico para aprender, e sobre o qual refletir, pesquisar, empreender novos trabalhos. Fica aqui o texto e o exemplo de uma prática científica.

Transcrição
ANA CLÁUDIA FERNANDES FERREIRA

Revisão
ENI PUCCINELLI ORLANDI
ARYON DALL'IGNA RODRIGUES